



“Minha maior decepção foi quando as crianças nasceram. Elas eram brancas”

Paula Barreto, 36, branca e mãe de crianças mulatas

“Se ficar vendo preconceito em tudo, fico paranóico, e acaba virando uma guerra”

Walter Rosa, 29, modelo carioca

Brasil quer ser chamado de moreno e só 39% se autodefinem como brancos

OUTRO LADO

“Pardo é um saco de gatos”, diz estatística

Da Sucursal do Rio

“O termo pardo é um verdadeiro saco de gatos. Tudo o que não se enquadra nas outras categorias é jogado lá dentro. É a lata de lixo do Censo”, explica a demógrafa e estatística Valéria Motta Leite, coordenadora técnica do Censo.

ca do Censo.

A definição foi considerada mais apropriada do que o termo moreno. Em 1976, a PNAD mostrou que quando se pedia ao entrevistado para se definir em relação às categorias existentes —branco, preto, pardo, amarelo— havia uma variação. Os que

se diziam morenos-claros optavam pela categoria branco. Já os que se qualificavam como morenos-escuros escolhiam ser pretos.

“Se usássemos o termo moreno, não teríamos como compará-lo”, explica Leite.

(Cristina Grillo)

CRISTINA GRILLO

Da Sucursal do Rio

Os tons da cor da pele variam, mas há um consenso: os brasileiros não gostam de ser chamados de pardos e preferem a denominação de morenos.

A pesquisa do Datafolha mostra que 43% dos entrevistados se autotribuem a cor morena e suas variações —moreno-claro e moreno-escuro— contra 6% que se autode-

finem como pardos e 1% como mulatos.

O total de morenos, morenos-claros e morenos-escuros é até mesmo maior do que o de brancos. Na resposta espontânea —onde cada um pode se dizer da cor que achar mais adequada— apenas 39% se consideram brancos.

Quando se compara a resposta espontânea com a cor observada pelos pesquisadores, a rejeição ao termo pardo fica mais visível.

Setenta e um por cento dos que são vistos como pardos pelos pesquisadores classificaram-se como morenos.

Há também o outro lado da moeda. Dos que são vistos como brancos pelos pesquisadores, 24% se consideram morenos.

“Moreno é a cor do Brasil. Ninguém gosta de ser chamado de nequinho ou de branquinho”, sintetiza Ézio San, vocalista do grupo de pagode Os Morenos.

CONFIRA A COR QUE O BRASILEIRO DIZ TER

Auto-atribuição espontânea de cor, em %



Fonte: Datafolha

Patricia Santos/Folha Imagem

Mãe afirma ao Censo que filhos mulatos são negros

Editoria de Arte/Folha Imagem

VEJA A DEFINIÇÃO DE COR DO BRASILEIRO

- Acastanhada
- Agalegada
- Alva
- Alva escura
- Alvarenta
- Alvarinta
- Alva rosada
- Alvinha
- Amarela
- Amarelada
- Amarela-queimada
- Amarelota
- Amorenada
- Aveludada
- Azul
- Azul-marinho
- Baiano
- Bem branca
- Bem clara
- Bem morena
- Branca
- Branca-aveludada
- Branca-melada
- Branca-morena
- Branca-pálida
- Branca-queimada
- Branca-sardenta
- Branca-suja
- Branquilha
- Bronze
- Bronzeada
- Bugrezinha-escura
- Burro quando foge
- Cabocla
- Cabo verde
- Café
- Café-com-leite
- Canela
- Canelada
- Cardão
- Castanha
- Castanha-clara
- Castanha-escura
- Chocolate
- Clara
- Clarinha
- Cobre
- Corada
- Cor-de-café
- Cor-de-canela
- Cor-de-cuia
- Cor-de-leite
- Cor-de-ouro
- Cor-de-rosa
- Cor firme
- Crioula
- Encerada
- Enxofrada
- Esbranquicento
- Escura
- Escurinha
- Fogoio
- Galega
- Galegada
- Jambo
- Laranja
- Lilás
- Loira-clara
- Loura
- Lourinha
- Malaia
- Marinheira
- Marrom
- Meio amarela
- Meio branca
- Meio morena
- Meio preta
- Melada
- Mestiça
- Miscigenação
- Mista
- Morena
- Morena bem chegada
- Morena-bronzeada
- Morena-canelada
- Morena-castanha
- Morena-clara
- Morena cor-de-canela
- Morena-jambo
- Morenada
- Morena-escura
- Morena-fechada
- Morenã
- Morena-parda
- Morena-roxa
- Morena-ruiva
- Morena-trigueira
- Moreninha
- Mulata
- Mulatinha
- Negra
- Negreta
- Pálida
- Paraíba
- Parda
- Parda-clara
- Polaca
- Pouco clara
- Pouco morena
- Preta
- Pretinha
- Puxa para branca
- Quase negra
- Queimada
- Queimada de praia
- Queimada de sol
- Regular
- Retinta
- Rosa
- Rosada
- Rosa-queimada
- Roxa
- Ruiva
- Russo
- Sapacada
- Sarará
- Saraúba
- Tostada
- Trigo
- Trigueira
- Verde
- Vermelha

Da Sucursal do Rio

Quando Paula Barreto, 36, branca, filha do produtor de cinema Luís Carlos Barreto, anunciou que iria se casar com o jogador de futebol Cláudio Adão, 39, negro, comprou uma briga em casa.

A reação de sua mãe, a produtora Lucy Barreto, foi perguntar se ela já tinha pensado que seus filhos seriam mulatos.

“E era o que eu mais queria, ter filhos lindos, que não fossem branquelos como eu e que fossem uma mistura minha e do Cláudio”, conta Paula, dezoito anos depois da cena.

Os filhos são dois: Camila, 10, e Felipe, 9. De acordo com a certidão de nascimento, os dois são brancos. Para o censo do IBGE, Paula diz que os filhos são negros.

“Minha maior decepção foi quando as crianças nasceram. Elas eram brancas, por isso foram registradas assim. Mas depois o pediatra me tranquilizou e disse que elas iriam escurecer”, diz a mãe.

Cláudio Adão, ex-jogador do Flamengo, Botafogo e Fluminense e atualmente no Volta Redonda, diz que conversa sempre com os filhos sobre a questão da cor.

“Digo que eles devem ter orgulho de sua cor e não podem trazer desaforo para casa”, afirma.

As crianças aprenderam. “As vezes me xingam por causa da minha cor, mas eu não ligo. Sei que é só para tentar me magoar”, conta

Camila.

Felipe é mais radical. “Chamo logo de branco azedo e de viado. Acaba logo a brincadeira”, diz.

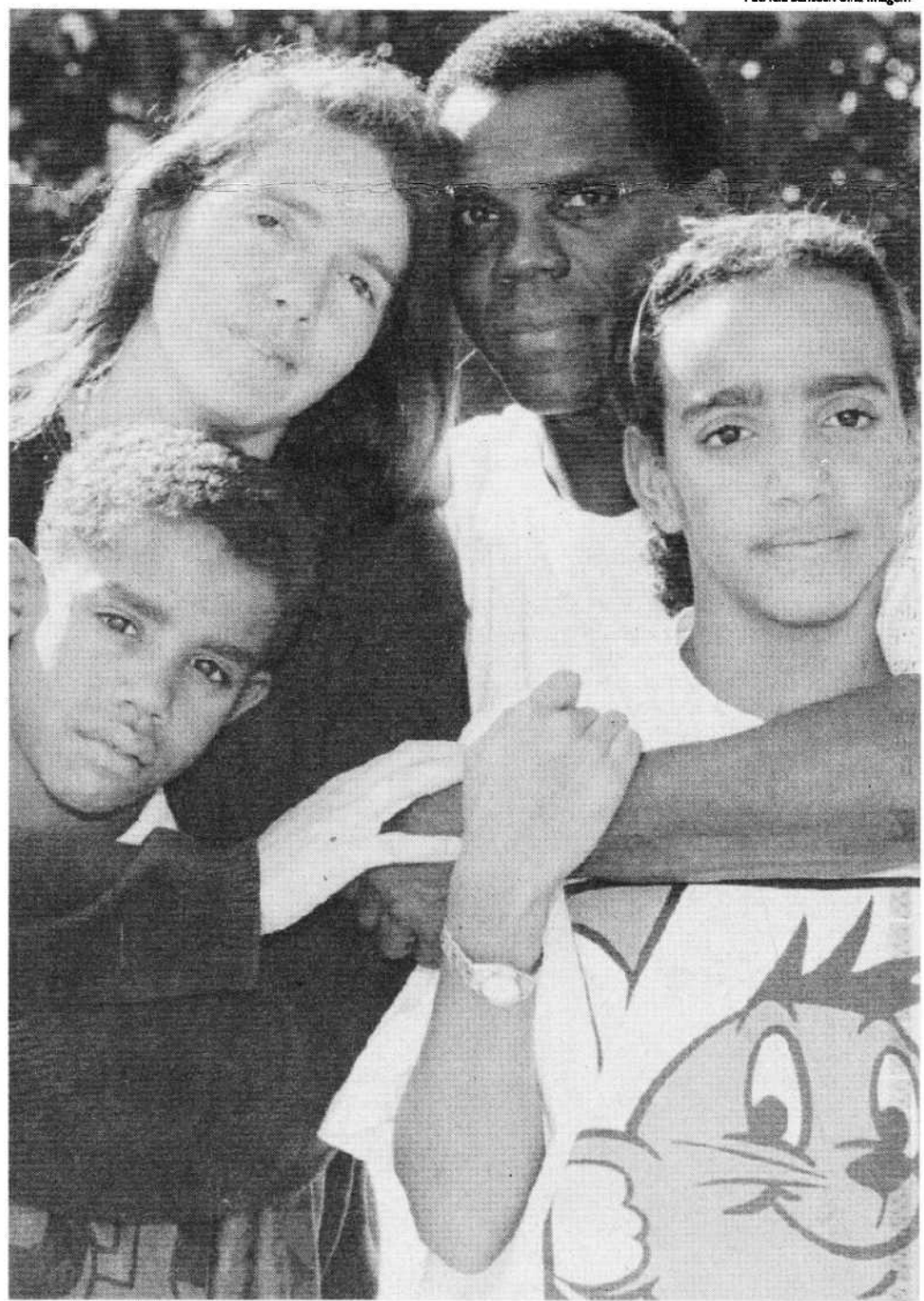
As resistências familiares de ambos os lados foram vencidas e hoje não há mais problemas.

Dificuldades, só quanto ao termo pardo. “Tenho horror a ele. É feio, preconceituoso. Meus filhos são negros e são felizes”, diz Paula Barreto.

Pelos critérios do IBGE, todos os descendentes de casamentos mistos são pardos. Assim, o filho de um casal formado por um oriental e um branco é considerado pardo —a mesma classificação usada para o filho de um casal formado por um branco e um negro.

A demógrafa Valéria Motta Leite conta que a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) feita em 1976 detectou 135 cores diferentes da população brasileira — de acastanhada a turva, passando por azul-marinho, branca-suja, cor-de-cuia, morena-parda, sapacada e outras.

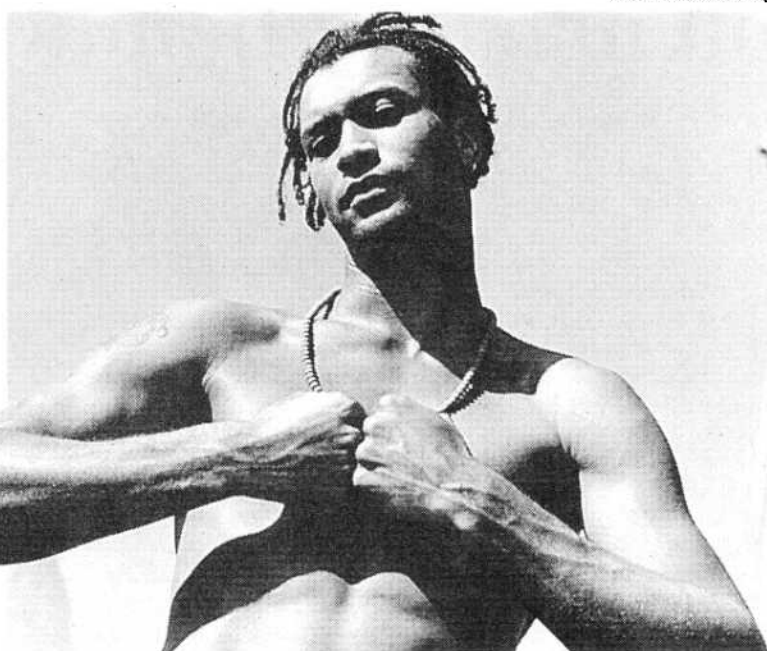
A pesquisa foi feita para subsidiar as investigações sobre a questão da cor no censo demográfico. “Havia críticas ao fato de o questionário ser fechado (as respostas não eram livres). Na PNAD tentamos verificar a melhor maneira para se descobrir a cor da população. Concluímos que pardo seria melhor”, diz Leite. Ela informa que no último censo os indígenas ganharam denominação própria. (C.G)



Paula Barreto e o jogador Cláudio Adão com os filhos Camila, 10, e Felipe, 9

Patricia Santos/Folhagem

O modelo Walter Rosa, que não gosta do termo moreno



Modelo já quis ser branco

Da Sucursal do Rio

O modelo carioca Walter Rosa, 29, já quis ser branco. Hoje em dia ele faz questão de se considerar negro. Filho de pai branco e mãe negra, ele diz que a melhor coisa que fez nos últimos anos foi assumir a cor negra.

Até o final da adolescência, Rosa usava o cabelo cortado bem curto. “Um dia resolvi deixar o cabelo crescer e fiz essas tranças. A partir daí deixei de querer ser branco”, diz.

O modelo não gosta de termos como moreno e pardo. “É como chamar de escurinho, é uma maneira preconceituosa de se referir ao negro. Isso não é adjetivo, é pe-

jorativo”, ironiza.

Modelo há quatro anos, Walter Rosa já foi pintor de paredes, assistente de laboratório fotográfico, vendedor de salada de fruta na praia e lavador de janelas de prédios.

Ele prefere não entrar em discussões sobre discriminação e preconceito: “Se ficar vendo preconceito em tudo, fico paranóico e acaba virando uma guerra”.

Levado por uma amiga para uma agência de modelos, o tipo físico de Rosa agradou. “O público consumidor negro está aumentando, então o mercado precisa de modelos negros”, diz. É assim que Rosa explica o seu sucesso.